



Com o filho nos braços, ela observa a chegada dos derrubadores...



...Na rua, grita: "Se derrubar o dos pobres, tem que derrubar o dos ricos"



... e a polícia chega quando o barraco do "rico" é derrubado pela multidão

RELATO DO DESPEJO

Amylton de Almeida

"O mangue é do povo e dos caranguejos", grita uma invasora. "Nós roubamos o que é nosso. Nós somos brasileiros, gente. Essa terra é nossa e não dos estrangeiros". É uma cena ocorrida ontem, na derrubada dos barracos de 300 famílias que ocupam anteontem o manguezal rodovia Serafim Derenzi, contorno de Vitória. A maioria é gente desesperada, que cata papel e precisa de um lugar para morar, sem pagar aluguel.

e alto, com um cassete ostensivamente à mostre, grita:

— Vão saindo, vão saindo que aí não é lugar de encostar". Ele se refere ao camburão, cercado pelo povo. Há uma expectativa: todos esperam uma reação. As metralhadoras estão bem visíveis, assim como os cassetes e a liminar na mão do oficial de Justiça. O povo está desprotegido, mas as crianças choram, algumas mulheres correm, o movimento da multidão é um só: onde um vai, todos o seguem. Quem será o primeiro a reagir, embora desarmado e indefeso? Não há vento soprando, faz calor e a derrubada é lenta. Os camburões da polícia seguem devagar, de barraco em barraco. O povo acompanha. Eis que surge a primeira vaia, quando os executores derrubam um barraco, cuja queda provoca um barulho.

A reação veio de uma mulher, também catadora de papel, que fez seu barraco sozinha e está sentada dentro dele, com o filho de alguns meses. Ela está quieta, só observando o movimento. Quando a derrubada do barraco anterior termina, ela se levanta. Logo depois do seu, está um barraco grande, construído há alguns meses, de propriedade de

— Derruba, tem que derrubar!
— Por que só derrubam dos pobres e não dos ricos? grita outra mulher.
— Justiça! Justiça! Cadê a justiça?
— Não tem justiça para pobre nesse país.

— E a Rose, cadê aquela Rose de Freitas?

— Aquela só vem aqui na hora de querer voto. Agora que a gente precisa não vem ninguém!

— Deixa estar, deixa estar! No ano que vem tem mais eleições!

— E Nelson Aguiar?
— Ele teve aqui de manhã. Falou que nem era com ele, que ele não apóia.

— Mas também agora não precisa mais de nós. Já tá lá eleito e posando.

— E o Camata? A gente podia ligar pro palácio!

— E você acha que ele vai dar confiança de atender?

— Ele não disse que também foi pobre?

— Mas agora não é mais.

— Deixa estar, deixa estar que um dia vai ter eleições!

— Meu Deus, não tem ninguém para ajudar a gente!

— Que nada, povo de Deus! Não

— Eu não tenho para onde ir.
— Por que não volta para onde veio?
— Eu vim de Baixo Guandu, o senhor sabe, ninguém dá emprego a uma mulher sozinha, e ainda mais viúva.
— Eu estou cumprindo uma ordem de Justiça, explica o oficial Ailton. "A senhora tem que sair".

— Eu não vou atrapalhar o serviço de vocês, não. Mas para onde vou? Vocês vão me deixar no asfalto. Eu não tenho para onde ir.

O soldado negro e alto, brandindo o cassete diz:

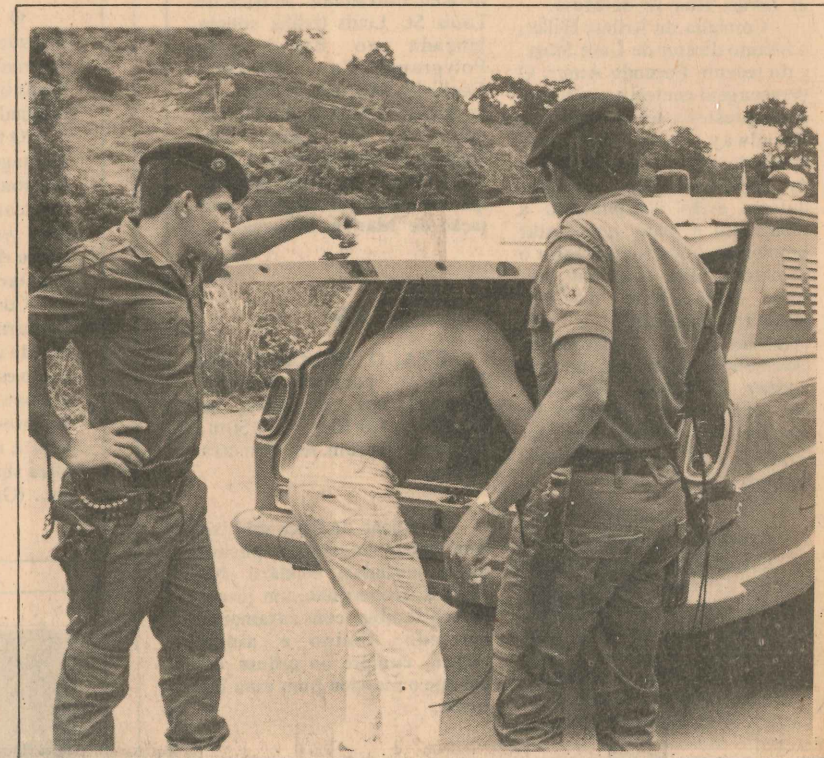
— A senhora sabe que eu não acredito nessa história?

A voz dela continua baixa e de tom simples:

— Eu não tenho para onde ir.
Os executores já estão retirando suas cobertas, suas panelas, todos seus pertences, inclusive seu filho e um cachorrinho magro e pulguento. Ela repete, insistindo:

— Eu não tenho para onde ir.

— Vai se queixar ao juiz, diz o soldado alto e negro, ainda brandindo o



O tenente Brandão prende. Motivo: "A polícia não pode ser desmoralizada".

Às 9,30m, chegam ao contorno da avenida Serafim Derenzi, entre os bairros São Pedro e Joana D'Arc, dois camburões da polícia e mais o oficial de Justiça, que se recusa a dar o nome mas é conhecido como "Ailton do Bandolim", instrumento toca nas horas de folga. Junto com a violência que assusta as 300 famílias invasoras desde a noite anterior, machado, martelo, prego, foice, eles entram, colocaram fogo, derrubaram barracos, que nunca ultrapassam as medidas de 2 x 3 metros. A polícia está enas garantindo", como se soube mais, mas os executores da ordem são, que vão derrubando sem nem mesmo licença ou respeitar a condição de lheres e crianças, tradicionalmente checidos como os mais fracos. O oficial Justiça atende a uma determinação do z Renato Matos, que concedeu uma inar ao sr. Giorgio Venturini, que se z proprietário de toda a extensão do angue invadido. O próprio Venturini, alianô chegado há três anos no Brasil, mbém participa da operação de dentro e seu carro Passat.

Com a chegada da imprensa, a errubada é mais lenta. Afinal, qualquer arbitrariedade poderá ser documentada. O oficial de Justiça aproxima-se de um homem, com machado à mão, embora abaixado. Sua mulher pega os dois filhos que começam a chorar, e ela também. O homem informa:

— Pode deixar, pode deixar que eu mesmo derrubo. Fui eu que fiz e não preciso de ajuda.

O barraco seguinte está com o terreno cercado de arame. Uma família de sete pessoas: cinco crianças que correm para o mangue, assustadas e caladas, a mulher que recua para as proximidades da água e o homem, negro, de cabelos brancos, que também pede:

— Não precisa derrubar o arame não, moço, que eu faço isto.

— Anda logo, anda logo, "adverte um dos executores da ordem. Os policiais, de metralhadora, se aproximam. O homem pega o martelo e começa a desfazer o assoalho, na verdade a única parte de seu barraco que está construída. Demorou porque ele escolheu um local na descida, que liga a avenida ao mangue.

— Ah, eu não deixava não. Eu não saio do lugar, diz uma mulher com um menino ao colo.

Próxima etapa: dois barracos interiores. O homem sai, a mulher corre, levando os dois filhos, que começam a gritar, apavorados. O povo se junta ao redor dos camburões. Um soldado da PM, negro

seu, está um barraco grande, construído há alguns meses, de propriedade de Giorgio Venturini, o italiano que afirma ser o dono do mangue. Nele, mora a família de um de seus empregados, que também executa a derrubada dos outros barracos. A voz, desesperada, raivosa e indignada se ouve por cima dos carros que passam, do rádio da polícia e, no intervalo, dos próprios pássaros que voam do mangue para a mata do outro lado da avenida:

— Se aqui não tem homem, quem vai gritar sou eu!

O povo se volta. Todo mundo se dirige para ela, praticamente cercanda, numa espécie de proteção. O carro da polícia começa a se movimentar na direção dela. O oficial de Justiça finge não prestar atenção. As metralhadoras acompanham o movimento das mãos de quem as segura. Os cassetetes também estão no ar. A mulher grita:

— Se eu tiver que sair daqui, vão ter que derrubar o barraco desse italiano. A ordem não é para derrubar todos os barracos? Tem que derrubar o dele. Se derrubar o meu, eu derrubo o dele. Como é, gente, de que raça vocês são feitos? Cadê os homens? Vocês não são brasileiros não? Não são vocês que tão mendigando, catando lixo pra comer?

Ela corre de um lado para o outro, vai em direção ao camburão, volta, continua falando no mesmo tom alto e de protesto, embalada pelo movimento do povo. Ninguém fala nada, mas ela pressente que aquilo é uma proteção. Tanto que grita:

— Vamos derrubar. Derrubam o meu que eu derrubo aquele também. Lei é lei. Se derrubam os barracos dos pobres tem que derrubar o dos ricos também.

Os homens não falam. Duas outras catadoras de lixo apóiam o protesto:

— E isso aí. O mangue é do povo e dos caranguejos.

— Nós roubamos o que é nosso. Nós somos brasileiros. Gente, essa terra é nossa e não dos estrangeiros.

O camburão se aproxima. A mulher continua gritando. Estrategicamente, à visão das armas, ela grita se movimentando para frente dele, cercanda-o, sempre acompanhada da multidão: onde ela vai eles vão atrás. Calados, mas ao lado. Quando os três executores sacodem seu barraco, verificando quanto precisariam de esforço para derrubá-lo, ela corre e pega seu filho, que chora desesperado no chão e continua gritando, já com ele ao colo. A antecipa-se à polícia e, então, junto com o povo, que grita e vai, ouve-se o barulho do grande barraco de Venturini que cai. As madeiras são arrancadas facilmente, mas eis que a multidão pára por si mesma: dentro do barraco, numa situação idêntica, está uma mulher gritando e chorando e também uma criança de colo. A chegada do camburão às pressas dispersa o povo e a mulher grita:

— Que nada, povo de Deus! Não precisa de ninguém! Nós é que precisamos! Nós vamos aguentar! Eles derrubam, a gente faz de novo!

Tudo isso é dito aos gritos, com um movimento semelhante: onde um vai, todos vão atrás. O mais interessante que quem só grita é mulher. Seria uma estratégia? Talvez porque, se um homem gritasse, a polícia espancaria? Não se sabe. O certo é que as mulheres é que protestam e elas conduzem, sempre se movimentando, à frente do camburão, a multidão — que atrai poucos curiosos. A maioria, mesmo, está faminta. Não pode sair do local e tem que comer o que um ou outro distribui.

A derrubada prossegue, o camburão no mesmo ritmo. As mulheres vão pela avenida, aos gritos:

— Esse Cachimbo (apelido que os catadores deram à Giorgio Venturini porque ele usa um cachimbo todo o tempo) só veio para cá perseguir os brasileiros! Eu nem descendência de italiano tenho!

— Não pode um estrangeiro chegar aqui e mandar em brasileiro que nem tem um pedaço para morar!

— Não é dele! Foi a prefeitura que aterrou!

— Mas a prefeitura também é dele, é da Itália!

— Esse Berredo tem nome brasileiro mas é igual a Carlito!

— Esse terreno aí pertence à Marinha, rapaz!

— Então, rapaz, é isso mesmo que eu tô falando: eles não podem derrubar não.

Nesse momento, Giorgio Venturini chega com seu Passat, estacionando ao lado da polícia. O movimento da multidão, desviando de sua trajetória, retorna e começa a cercar seu carro. O soldado negro e alto, de cassetete esbraveja:

— Não chega perto do carro se não apanha, não chega perto!

O tenente Brandão, que aparentemente dirige a operação policial, avisa a Giorgio Venturini:

— Se manda daqui, se manda daqui rapaz!

A polícia chega imediatamente, aumentando a marcha do carro. As mulheres informam:

— A gente não ia quebrar o carro dele não. A gente só queria saber por que derrubam barraco de pobre e não o dele.

O tenente Brandão detém um homem, Afonso Xavier Lemos. Por quê? "Acho que ele é suspeito". O tenente quer que ele aponte, na multidão, as pessoas que derrubaram o barraco de Giorgio Venturini. Ele diz que não sabe, não viu, não tem condições de ver. Quando a multidão vira na curva, ele abre o camburão e coloca o "acusado" dentro do cofre, fechando-o. As mulheres voltam correndo e protestam, criticando o resto da multidão porque não ficou junto e não ajudou a impedir a prisão. Continua o som dos barracos caindo. A multidão vai. O último barraco é de uma viúva, Olga Carneiro, que tem um filho. Ela se recusa a sair. Explica ao oficial de Justiça e ao soldado negro e alto de cassetete à sua porta, assim como ao tenente Brandão:

— Vai se queixar ao juiz, "diz o soldado alto e negro, ainda brandindo o cassetete:

— Eu não tenho para onde ir.

— Sai daí que a casa vai cair em cima da senhora", diz o oficial.

Ela se adianta alguns passos e a ma deira, ao cair, ao seu redor, com estrondo, não modifica seu tom de voz e a repetição:

— Eu sou viúva, ninguém me dá emprego.

As mulheres continuam protestando, aos gritos. A voz de Olga repete, agora segurando o filho pela mão, que por sua vez abraça o cachorro:

— Eu não tenho para onde ir.

Treze horas: a polícia se prepara para sair, já não tem nenhum barraco à vista, embora os invasores permaneçam sentados em suas tábuas, no mesmo lugar. O oficial de Justiça e Giorgio Venturini se cumprimentam. Sai o primeiro camburão, o segundo leva o oficial de Justiça, em seguida Venturini os acompanha. Um homem diz para outro, sentado nas tábuas:

— Cê sabe que uma mulher tomou o meu terreno, e eu dei metade para ela?

— Mas que trouxe você é, rapaz. Por quê?

— Sei lá, bicho. Eu sou brasileiro, sabe?

O tenente Brandão prende. Motivo: "A polícia não pode ser desmoralizada".



Ao final da tarde, a queda do último barraco

Por Cr\$ 4.790.000,00

Você compra o melhor quarto/sala de Vitória.

E mais:

- Sauna
- Piscina
- Play-ground
- Salão de Festas
- Quadras de esportes
- Lanchonetes
- Ducha
- Segurança (Porteiro dia e noite)

Village
Camburi

Condições:
Cr\$ 34.484,00 - Sinal
Cr\$ 5.950,00 - Mensais

Cr\$ 135.000,00 - Renda 02 pessoas (Amigos ou parentes)

Plantão aos sábados
domingos e feriados

Vendas:

SKEMA
IMÓVEIS

Tel.: 227-7111